

---

# X CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

## Os Valores da Geografia

### Lisboa, 9 a 12 de setembro de 2015

---

#### **Geografia e Interseccionalidade – uma abordagem entre etnicidade e género na Praça do Martim Moniz**

N. Rodrigues<sup>(a)</sup>

<sup>(a)</sup> CEG, IGOT-UL, nmdrodrigues@campus.ul.pt

#### **Resumo**

A presente comunicação pretende contribuir para a discussão entre Geografia e Interseccionalidade, conceito este que remete para as complexas e variáveis inter-relações derivadas da intersecção de múltiplos eixos de diferenciação e desigualdade sócio-cultural, num determinado contexto histórico-geográfico. Neste sentido, e após uma contextualização da Praça do Martim Moniz e das recentes transformações de que esta tem sido alvo, serão analisadas as relações sócio-culturais e os padrões de apropriação verificados neste espaço público. A partir da pesquisa de terreno realizada, afirma-se que a praça se encontra estruturada por desiguais relações de poder, as quais influenciam as diferentes possibilidades de apropriação e uso da mesma por parte dos diferentes grupos sócio-culturais em presença, bem como os ritmos, relações e práticas sócio-espaciais. Situação esta que se intensifica em função das dimensões de género e etnicidade, em particular quando interseccionadas entre si.

**Palavras chave:** Espaço Público; Intervenção Urbana; Interseccionalidade; Género; Etnicidade;

#### **1. Introdução**

A praça do Martim Moniz, situada na extremidade do bairro da Mouraria, foi construída nas décadas de 1940 e 1950, após a demolição de parte do bairro, num processo associado a políticas higienistas e a um “urbanismo civilizador” (Menezes, 2009). Foi alvo de diversos planos e intervenções de requalificação e revitalização ao longo da sua história - tendo a última ocorrido em 2012, por parte da empresa NCS, à qual foi concessionada a gestão e exploração comercial da praça no âmbito do projeto “Mercado de Fusão”.

Nas mais recentes décadas, a praça tornou-se associada à presença de imigrantes e a atividades comerciais protagonizadas por estes – o que lhe confere uma imagem ligada à marginalidade e ao multiculturalismo, dimensão diferenciadora que a NCS pretendeu capitalizar no seu projeto ao usá-la como conceito da intervenção. Verificou-se-se ainda a requalificação da praça, a introdução de 10 quiosques de “comidas do mundo”, mobiliário urbano respeitante à imagética multicultural, ou a organização de diversas atividades culturais e de consumo. Esta intervenção, dadas as suas lógicas e contexto em que se insere, apresenta potenciais efeitos de exclusão urbana – levantando questões como a da sua relação com as restantes intervenções e processos de transformação urbana a decorrer no centro histórico de Lisboa - e no bairro da Mouraria, em particular -, bem como questões relativas à condição de espaço público da praça.

Com este artigo e o presente caso de estudo, pretende-se explorar a relação entre intervenções urbanas e alterações de espacialidades, em particular ao nível da relação entre espaço público, género e etnicidade – bem como, deste modo, a pertinências e as potencialidades de uma abordagem interseccional em geografia.

## **2. Interseccionalidade**

A discussão em torno da interseccionalidade é originada no âmbito da teoria e prática feminista. De forma resumida - e partindo da problematização anti-essencialista, relacional e processual de Avtar Brah (Brah & Phoenix, 2004; Brah, 2006) -, uma análise interseccional implica uma “(...) macroanálise que estude as inter-relações das várias formas de diferenciação social, empírica e historicamente, mas sem necessariamente derivar todas elas de uma só instância determinante.” (Brah, 2006: 331-332). Trata-se de uma abordagem focada nas intersecções entre diferentes categorias e processos de diferenciação, não procurando uma essência e origem única e discreta a partir da qual as categorias e diferenças derivariam, mas, ao invés, considera a sua dimensão contingente, relacional e processual. Esta abordagem pretende focar as condições históricas e culturais que constroem e tornam possíveis determinadas categorias e diferenças, bem como os seus efeitos na (re)produção de experiências, relações sociais, identidades e subjetividades (Brah & Phoenix, 2004; Brah, 2006; Valentine, 2007).

Esta problematização contribui, assim, para um descentramento do sujeito e para a contínua contestação de identidades e categorias, negando a possibilidade de, pela sua simples referência, descrever e sintetizar uma diversidade de experiências. De acordo com uma perspetiva interseccional, as diferentes experiências, identidades e subjetividades são atravessadas por relações de poder e marcadas por uma diversidade de eixos de diferenciação (classe, género, etnicidade, sexualidade, entre outras) – criticando-se a suposta homogeneidade de uma dada categoria e as suas pretensões universalistas (Brah & Phoenix, 2004; Brah, 2006). Como refere Valentine (2007), é criticada uma visão aditiva da interseccionalidade, a qual assumiria uma mera adição de diferentes eixos de diferenciação social – muitas vezes tomando como um dado e de forma essencialista e discreta uma dada categoria -, passando-se a salientar a sua dimensão particular e historicamente contingente, resultado da intersecção de diferentes eixos.

Ainda segundo Valentine, uma análise interseccional, no âmbito da geografia, passaria por analisar “(...) how identifications and disidentifications are simultaneously experienced by subjects in specific spatial and temporal moments through the course of everyday lives.” (Valentine, 2007: 18), partindo-se, assim, do princípio que as suas identidades se encontram dependentes das contingências espaciais em que os diferentes sujeitos se encontram, dado que “(...) in particular spaces there are dominant spatial orderings that produce moments of exclusion for particular social groups.” (Valentine, 2007: 19). Esta abordagem, em particular se relacionada com a ideia de espacialidade (Soja, 1989), passa, em primeiro lugar, pelo reconhecimento de como diversas dimensões – de género ou etnicidade - (re)produzem o espaço

(público), bem a forma como este, por sua vez, (re)produz as mesmas. Como tal, ocorre uma contestação de uma suposta neutralidade do espaço, através da afirmação da dimensão *genderizada* e étnica do mesmo - isto é, da forma como o mesmo é historicamente e socialmente construído, e como este produz e reproduz determinadas identidades, experiências, subjetividades e relações sociais.

### **3. Espaço Público**

A discussão relativa ao espaço público tende a estar circunscrita a temas como a sua dimensão jurídica, ou, por sua vez, à sua dimensão material, em particular as suas tipologias e características físicas (Castro, 2002). Problemáticas como as condições de acessibilidade ou as formas de uso e apropriação do espaço público, bem como a dimensão processual e relacional do mesmo, tendem a ser menos exploradas. Em particular, são menos exploradas questões como as desiguais relações de poder entre diferentes sujeitos e grupos sócio-culturais, seguindo uma perspectiva que procure considerar as formas de (in)visibilidade, diversidade e contestação que nele no espaço público – mesmo que considerando a diversidade, o conflito e a contestação como características próprias do mesmo (Delgado, 2011; Mitchel, 1995; Castro, 2002).

Esta problematização torna-se relevante para uma abordagem interseccional – uma análise das desiguais relações de poder em presença, dos significados envolvidos e contestados, da forma como diferentes dimensões de diferença se articulam e (re)produzem no espaço público (e, como tal, (re)produz o próprio espaço público), as continuidades e ruturas, inclusões e exclusões (Castro, 2002; Carmo & Estevens, 2008). Tal implica, desde logo, uma análise de que sujeitos e grupos sócio-culturais têm acesso ao espaço público, quais têm possibilidade de o apropriar, quais os ritmos, relações e práticas sócio-espaciais que nele ocorrem, e como tal se relaciona com a (re)produção e/ou contestação de diferentes formas e processos de desigualdade (sociais, culturais, geográficos). Algo que se torna mais relevante no quadro de uma alteração das lógicas e objetivos das intervenções em espaço público, verificando-se uma mudança que, em vários casos, tem tido como efeitos processos como os de tematização, invisibilidade, exclusão, privatização e securitização do espaço público - tendo como objectivo torná-lo economicamente mais distintivo e competitivo (Degen, 2003; Carmo & Estevens, 2008).

### **4. Intervenções e alterações de espacialidades na praça do Martim Moniz**

Através de pesquisa de terreno realizada na praça do Martim Moniz (Rodrigues, 2014), foi possível observar a existência de diferentes zonas e ritmos urbanos – ainda que de fronteiras múltiplas, fluídas e em contínuo processo de contestação. Foram identificadas 3 zonas, sendo que duas delas – nas extremidades e zonas não-comerciais da praça -, são maioritariamente ocupadas por imigrantes (geralmente homens), e são espaços de menor controlo e de práticas mais espontâneas e informais. Por sua vez, a zona comercial e central da praça é ocupada maioritariamente por turistas ou por jovens

residentes da restante cidade de Lisboa, com uma menor desigualdade de género mas maior desigualdade étnica, e que é, essencialmente, um espaço para atividades de lazer e consumo. Estas zonas são ainda influenciadas pelos diferentes ritmos que ocorrem na praça, em particular ao nível da diferença entre ritmos quotidianos (nos quais se dá uma menor intensidade de apropriação da praça), e ritmos cíclicos/pontuais (os quais remetem para eventos programados ou fins-de-semana, verificando-se um aumento considerável da utilização e dinamização da praça - em particular na zona comercial -, ao mesmo tempo que se acentua a desigualdade étnica).

Desta análise, as conclusões gerais sobre às transformações ocorridas, após a intervenção da NCS, remetem para a instrumentalização realizada ao nível da diversidade cultural e do multiculturalismo, ao mesmo tempo que ocorre uma subalternização das populações imigrantes/étnicas para as quais tais referentes culturais remetem - em particular, uma subalternização em termos de visibilidade e presença na praça. Por sua vez, aumentou o número de turistas e visitantes da restante cidade de Lisboa, bem como se deu uma intensificação das atividades culturais e de lazer programadas. As próprias representações e significados atribuídos à praça foram alvo de contestação, tendo existido tentativas de atribuir as dimensões negativas para o passado, enquanto que para o presente - após a intervenção - estariam reservadas as dimensões positivas, associadas à tolerância e multiculturalismo, segurança e vitalidade da praça – numa tentativa de rutura e homogeneização temporal que não deixa de se relacionar com a categorização dos grupos sócio-culturais mais associados a cada momento, bem como a tentativa de estabelecer as práticas e representações hegemónicas relativas à praça, estruturando-se, assim, o que é tomado como possível em relação à mesma. Ao nível da condição de espaço público, e se é certo que a praça se trata de um espaço exterior e aberto, esta é palco de diversas situações e processos de exclusão (privatização, securitização, exclusão pelo consumo, formas de negação do conflito, ausência de efetivas relações interculturais, entre outros processos e dinâmicas de sentido semelhante). Desta situação, surge uma contradição que poderá, contudo, colocar em causa a própria sustentabilidade do projeto - dado que, se este depende das comunidades imigrantes e dos significados a elas associadas para se distinguir e valorizar, ao mesmo tempo existe uma tendência para a sua subalternização na praça.

## **5. Intersecção Género-Etnicidade na Praça do Martim Moniz**

Como já referido, a praça do Martim Moniz é estruturada sócio-espacialmente em termos de género e etnicidade. De forma sintética, e começando pela dimensão de género, é possível afirmar uma diferença em termos das zonas e ritmos de apropriação da praça que se traduz numa maior apropriação de mulheres na zona comercial (em termos absolutos e relativos), em particular aquando de ritmos cíclicos/pontuais. Por sua vez, a presença de comunidades imigrantes e étnicas ocorre maioritariamente fora dessa mesma zona (geralmente, realizada por homens), e é menor, pelo menos em termos relativos, aquando da ocorrência de eventos programados – depreendendo-se, assim, que a desigualdade de género é também variável em função da intensidade de utilização da praça, algo que se poderá relacionar com normas

culturais e distinções entre o espaço público e privado, ou a fatores associados à percepção do risco, possivelmente tomado como maior em momentos de menor utilização da praça.

Contudo, esta diferenciação, se à primeira vista antagónica e dicotómica, complexifica-se quando se analisa a intersecção entre género e etnicidade. Em particular, e apesar de a apropriação feita por mulheres na praça realizar-se maioritariamente na zona comercial, tal altera-se no caso de mulheres imigrantes, as quais se apropriam usualmente das restantes zonas - isto é, apesar de a desigualdade de género ser menor na zona comercial da praça, tal é feito sem que se dê a inclusão de mulheres imigrantes, dada a intersecção com outras dimensões estruturantes de desigualdade. As mulheres imigrantes também se encontram em menor número na praça, seja em comparação com homens imigrantes ou com mulheres não-imigrantes, e encontram-se geralmente em grupos, na maior parte das vezes exclusivamente femininos – algo contrário à regular presença isolada por parte de homens imigrantes. Além disso, e em termos das relações inter-étnicas, é de salientar que estas não são expressivas na praça (em particular, ao nível de interações espontâneas ou regulares, no âmbito do quotidiano), apesar dos discursos da tolerância e do multiculturalismo – de forma geral, estas relações tendem a ficar circunscritas às relações comerciais estabelecidas aquando da compra de “comidas do mundo”, ou à fruição de elementos estéticos e culturais afetos ao multiculturalismo, como sejam a música ou o mobiliário urbano que se encontra no local. Como tal, as relações e práticas existentes não parecem permitir uma contestação das relações inter-étnicas em presença, em particular ao nível dos significados e relações de poder (Amin, 2002). Contudo, é de salientar que a praça não deixa de ser um espaço de sociabilidade por parte de imigrantes, observando-se desde formas comuns de convivência, a práticas de desportos ou eventos de cariz cultural/religioso.

## **7. Conclusão**

Com este artigo, pretendeu-se demonstrar a validade e possíveis contributos de uma abordagem interseccional para a análise do espaço urbano e para a geografia, em geral. Tendo em conta o exposto, considera-se que os múltiplos processos de construção e contestação de identidades, relações e práticas sociais são influenciados por configurações espaciais específicas, historicamente contingentes e estruturadas por diversas relações de poder.

Trata-se de uma questão que, voltando à análise da praça do Martim Moniz, nos obriga, por exemplo, a questionar a forma como as normas e significados associados ao género e etnicidade são espacialmente construídos – por exemplo, pela associação de modelos hegemónicos de masculinidade e *branquitude* a uma maior possibilidade de acesso, apropriação e visibilidade no espaço público (e na sua separação em relação ao espaço privado), ou a uma menor necessidade de consideração de potenciais riscos associados a um determinado espaço(mais ou menos imaginados e construídos).

Contudo, a presença de imigrantes e mulheres (em particular, a de mulheres imigrantes), não deixa de implicar uma dimensão de contestação de identidades e relações de poder, bem como a reclamação de reconhecimento e visibilidade no espaço público – situação e processo que remete para dimensões políticas importantes, em particular ao nível do questionamento das possibilidades de acesso e apropriação do espaço público, bem como de outros mecanismos e formas de inclusão e exclusão em termos sócio-culturais (Mitchel, 1995; Ranciére, 2010).

## 8. Bibliografia

- Amin, A. (2002). *Ethnicity and the Multicultural City - Living with Diversity*. Report for the Department of Transport, Local Government and the Regions and the ESRC Cities Initiative.
- Brah, A. & Phoenix, A. (2004). Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal of International Women's Studies*, 5, 75-86.
- Brah, A., 2006. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, 26, 329-376.
- Carmo, A. & Esteves, A. (2008). O conflito social e a construção da cidadania no espaço urbano. *e-cadernos CES*, 2, *Novos Mapas para as Ciências Sociais e Humanas* [Online]. Disponível em: <http://eces.revues.org/1441> [Consulta em 14 Maio 2015].
- Castro, A. (2002). Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade - Contributos para uma Reflexão sobre os Espaços Públicos Urbanos. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 5, 53-67.
- Degen, M. (2003). Fighting for the Global Catwalk: Formalizing Public Life in Castlefield (Manchester) and Diluting Public Life in el Raval (Barcelona). *International Journal of Urban and Regional Research*, 27, 867-880.
- Delgado, M. (2011). The Public Space Does Not Exist [Online]. *Barcelona Metropolis*. Available at: <http://w2.bcn.cat/bcnmetropolis/arxiu/en/pageeb68.html?id=21&ui=507> [Consulta em 14 Maio 2015].
- Menezes, M., 2009. A Praça do Martim Moniz: Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, 32, 301-328.
- Mitchell, D. (1995). The End of Public Space? People's Park, Definitions of the Public, and Democracy. *Annals of the Association of American Geographers*, 85, 108-133.
- Ranciére, J. (2010). *Estética e Política. A Partilha do Sensível*. Porto: Dafne Editora.
- Rodrigues, N. (2014) *Intervenções, Espacialidades e Relações de Poder – o caso da Praça do Martim Moniz*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Soja, E. (1989). *Postmodern Geographies - The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. Londres: Verso.
- Valentine, G. (2007). Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. *The Professional Geographer*, 59, 10-21.